

ECONOMIA

Promotoras de festivais vivem dias difíceis

Prejuízos anuais elevados complicam situação financeira de empresas como a Everything Is New e Música no Coração.

Luís Reis Pires
luis.pires@economico.pt

Apesar da alegria reinante nos festivais de Verão, as empresas responsáveis pela sua organização não têm razões para sorrir. As duas maiores promotoras nacionais - a Everything is New e a Música no Coração -, aliadas a uma outra mais pequena - a In Music We Trust -, apresentaram em 2007 prejuízos de quase 1,3 milhões de euros. De resto, as dificuldades no sector não são exclusivas das grandes promotoras, alastrando também às de menor dimensão. De entre um conjunto de cinco das mais conhecidas promotoras de espectáculos, aliás, apenas duas apresentaram lucros em 2007: a Ritmos & Blues e a Smog. Em 2008, as dificuldades agravaram-se, com a Everything Is New, líder do sector, a acabar o ano com prejuízos de 518,6 mil euros e a Smog - uma promotora de muito menor dimensão - de 3,5 mil euros.

As outras três promotoras - Música no Coração, Ritmos & Blues e In Music We Trust - ainda não apresentaram as contas de 2008, apesar do prazo-limite para o fazerem ter terminado no final do mês passado. O que vai levar a que "sejam coimadas de imediato", diz Domingues de Azevedo, presidente da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas, devendo entregar as contas num novo prazo, estipulado para esse efeito. Se o atraso persistir, além de terem de pagar multas as Finanças, ao Registo Comercial e, mais tarde, ao Ministério da Justiça, "poderão ser-lhes aplicados processos contra-ordenacionais", acrescenta.

Em 2007, a Música no Coração - a outra grande 'player' do sector - apresentou prejuízos de pouco mais de 670 mil euros. E, apesar de não se conhecerem os números de 2008, uma nota da Coface, emitida este ano, a que o Económico teve acesso, avança que a promotora "lutou com dificuldades" e que regista ainda "alguns atrasos nos pagamentos", pelo que se aconselha "prudência na concessão de crédito" à empresa.

Dificuldades no pagamento aos fornecedores

De resto, desde 2006, já foram aplicados sete processos cíveis à Música no Coração, por falta de pagamento de dívidas, revela a

Coface. Desses, ainda há dois que continuam em tribunal: um primeiro, de 2007, por uma dívida à Prosegur de cerca de 14,5 mil euros e outro, já deste ano, por uma dívida de 2,1 mil euros aos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique. Fonte oficial da Prosegur garante ao Económico que a dívida "ainda não foi liquidada" e que o processo "continua nas vias judiciais".

De acordo com Domingues de Azevedo, os processos "dão direito de penhora de bens aos clientes" e, "se os credores não encontrarem bens para penhorar, poderão avançar com um processo de falência" em tribunal. Contactado pelo Económico para explicar a situação financeira da empresa, o sócio-gerente da Música do Coração, Luís Montez, recusou comentar o assunto.

Promotoras caminham para situação insustentável

Não são só os resultados que demonstram o cenário negro das



Luís Montez criou a Música no Coração em 1991, empresa que revolucionou o sector em Portugal, trazendo muita da boa música que passou pelo país.



Álvaro Covões saiu da Música no Coração para fundar, em 2006, a Everything is New, que se destaca agora como a empresa mais dinâmica do sector.

promotoras. Com excepção da Ritmos & Blues, as outras empresas apresentam capitais próprios negativos no seu balanço: a Everything Is New em cerca de 1,1 milhões de euros, a Música no Coração em 1,7 milhões, a Smog em 10,5 mil e a In Music We Trust em 4,6 mil.

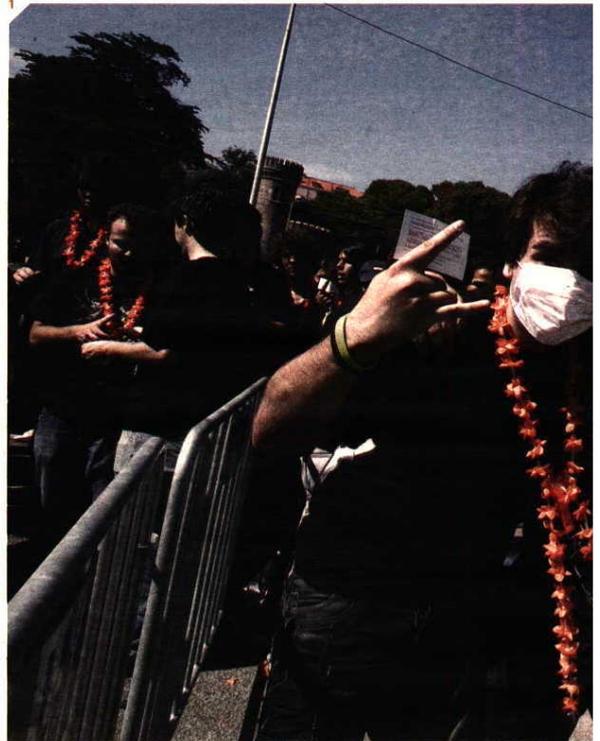
Segundo Ricardo Telo, auditor da Deloitte, ter capitais próprios negativos é um sinal de debilidade financeira porque significa que, "no caso dos sócios quererem cessar actividade, terão que entrar com esse valor [dos capitais próprios], para saldar as suas ligações para com todos os seus credores". Ricardo Telo avança que, neste caso, as empresas "transitam resultados negativos de um ano para o outro", correndo o risco de chegar a uma situação em que "os credores deixam de aceitar crédito" das mesmas.

Além disso, de acordo com o Código das Sociedades Comerciais, quando o capital próprio das empresas é inferior a metade do capital social, "considera-se que essas empresas não estão em condições de poder cumprir com as suas obrigações para com os seus credores", lembra Domingues de Azevedo. Se isso acontecer durante dois anos seguidos, deve considerar-se a sociedade imediatamente dissolvida.

Mas Domingues de Azevedo reconhece que "há muita benevolência" em relação ao artigo 35 [que prevê a dissolução das sociedades], porque o próprio Estado "não cumpre com a lei". "Há empresas públicas que também estão nessa situação. Ora, se o Estado não cumpre, não tem legitimidade para fazer cumprir os outros", diz Domingues de Azevedo. No entanto, o presidente da CTOC explica que as promotoras nesta situação, "têm que mencionar aos clientes que têm capital inferior ao capital social".

Com a crise a retrair a procura, a já difícil situação das promotoras poderá complicar-se ainda mais. "A situação será insustentável, se não existirem aumentos de capital ou mudanças de posição estratégica. A mantem-se nesta situação, [as promotoras] tornar-se-ão inviáveis", conclui o especialista.

Apesar da insistência, nenhuma das promotoras de espectáculos esteve disponível para falar ao Diário Económico. ■



CINCO EMPRESAS QUE DÃO MÚSICA A PORTUGAL

1.

Everything is New é a empresa líder do mercado

Foi criada no final de 2006 e amealha cerca de 30% das receitas do sector. Ainda assim, a promotora de Álvaro Covões teve um prejuízo de 518,6 mil euros no ano passado. O passivo da empresa, considerada pela Coface como tendo "risco médio", situa-se em pouco mais de três milhões de euros. A Everything Is New é responsável pelo Optimus Alive e, em conjunto com a Ritmos, pelo festival Paredes de Coura.

2.

Música no Coração organiza o popular Sudoeste TMN

Criada em 1991 e gerida por Luís Montez e Álvaro Covões, a Música no Coração era a grande promotora nacional e impulsora do sector. Foi responsável pelo renascimento do festival Vilar de Mouros em 1996 e pela criação do Sudoeste em 1997. Foi a criadora do Super Bock Super Rock. Em 2006, quando Covões saiu para criar a Everything is New, a empresa começou a perder a liderança do mercado.



Paula Nunes

1 O festival Optimus Alive reuniu no primeiro dia 40 mil espectadores. O segredo chama-se Metallica.

2 O Sudoeste realiza-se desde 1997 e é o festival mais popular e mediático que se realiza em Portugal.

Empresas geram 33 milhões de euros anuais

Do total da receita dos espectáculos, só 10% vai para as promotoras.

O sector da promoção de espectáculos é lucrativo, mas sobretudo para os artistas e agentes envolvidos. Em Portugal, a receita anual do sector anda em torno dos 33 milhões de euros. Mas, do total da receita gerada por um concerto, 90% da mesma vai parar às mãos dos artistas e dos seus agentes. As promotoras ficam apenas com 10% das receitas de bilheteira.

E, apesar de, todos os anos, quase quatro milhões de pessoas irem a festivais e concertos em Portugal, apenas cerca de metade paga bilhetes. Os restantes levam convites enviados pelas próprias promotoras ou por empresas ligadas aos eventos - através de patrocínios, por exemplo.

Este ano, a crise está a levar a uma contracção na procura. Com menos capacidade financeira, as pessoas são obrigadas a ser mais selectivas. Mas, ainda assim, há eventos que continuam a garantir lucro. É o caso do Optimus Alive, realizado pela Everything Is New, que só no primeiro dia, à custa da banda de culto Metallica, contou com a presença de mais de 40 mil espectadores.

Apesar dos prejuízos, a promotora de Álvaro Covões é a empresa mais dinâmica do sector. A promotora iniciou actividade no final de 2006, quando Covões deixou a Música no Coração, por divergências com Luís Montez. Desde então, a Everything is New - que em 2008 não empregava a tempo inteiro mais que 10 trabalhadores - começou a conquistar espaço no mercado e, hoje em dia, lidera o sector, amealhando cerca de 30% das receitas totais do mercado.

Crise afecta mais promotoras de média dimensão

Embora o problema financeiro das promotoras de espectáculos não seja conjuntural, mas sim estrutural, o certo é que a recessão também veio agravar as dificuldades do sector.

Ricardo Simões é sócio-gerente da Smog, uma promotora de "média dimensão", de acordo com a classificação do próprio. Simões, que viu a Smog apresentar prejuízos de pouco mais de 3,5 mil euros em 2008, reconhece que "o último trimestre do ano passado e o primeiro deste ano foram uma desgraça" e que as promotoras começaram a sentir a crise "ainda no Verão do ano passado", por-

que as "cámaras [municipais] já não tinham orçamento" para contratar espectáculos.

No início deste ano, foi a vez da "retracção da procura" agravar ainda mais o negócio. Simões diz que a Smog "esteve quase na falência" no início do ano, o que lhes dificultou o financiamento bancário: "Foi preciso recorrer à banca. Por norma, trabalhamos com dois bancos. Um deles fechou-nos a porta e o outro, felizmente, não".

O responsável da Smog diz que, para já, a empresa está a "conseguir dar a volta", mas não garante lucros para este ano porque "a situação ainda é muito instável". De resto, Simões sublinha que a crise "afecta mais as [promotoras] de média dimensão", porque as pessoas são obrigadas a uma escolha mais restrita. "As pessoas não vão aos concertos todos. Têm que escolher um ou outro de entre os que existem. Ora, vão escolher os maiores, com os artistas do 'mainstream', que vêm cá pelas mãos das grandes promotoras", conclui. ■

EM 2009, AINDA PODE IR...

- Ao festival Sudoeste TMN, que começou na quinta-feira e decorre este fim-de-semana, na Zambujeira do Mar. Hoje à noite, a grande atracção são os Faith No More.

- Ao Super Bock Fest, entre 14 e 15 de Agosto, na Vila de Sagres. É um festival mais pequeno, que conta com a participação de Gentleman e 2 Many Dj's, entre outros.

- Aos concertos de Green Day, Massive Attack, Muse e Marilyn Manson, entre outras bandas de culto, que se deslocam a Portugal a partir de Setembro e até ao final do ano.



3. Rítmos & Blues está a ganhar espaço no sector

A Rítmos & Blues, de Nuno Braancamp, começa a ganhar cada vez mais espaço no mercado, fruto de se dedicar não só à promoção de concertos - trouxe Elton John a Portugal -, mas também a outros espectáculos. A Rítmos & Blues foi a responsável pela realização, em território nacional, do espectáculo Mamma Mia, um musical relacionado com a banda sueca ABBA.

4. A Smog realizou cerca de 70 espectáculos em 2008

A Smog, de Ricardo Simões e Luís Viegas, é uma promotora de menor dimensão. Ainda assim, em 2008, realizou cerca de 70 espectáculos, de acordo com o próprio Simões. O responsável pela promotora falou com o Económico, reconhecendo que a empresa lutou com dificuldades no início do ano, mas que está a conseguir recuperar. Agendam artistas mais pequenos, que estão em ascensão, como os Devotchka.

5. In Music We Trust promove poucos espectáculos por ano

A In Music We Trust iniciou a actividade em 2007 e, desde então, poucos espectáculos realizou. O ponto alto da sua actividade foi a promoção de dois concertos - um em 2008 e outro já este ano - de Emir Kusturica & The No Smoking Orchestra. Também no ano passado, trouxe a Portugal a cantora Diamanda Galas. O último concerto que a promotora realizou foi em em Abril.